

A PESQUISA SUBSIDIANDO A PRÁTICA DE ENFERMAGEM: UMA VISÃO FILOSÓFICA¹

RESEARCH ASSISTING NURSING PRACTICE: A PHILOSOPHICAL VIEW

LA INVESTIGACIÓN SUBSIDIANDO LAS PRÁCTICAS DE ENFERMERÍA: UNA VISIÓN FILOSÓFICA

Semíramis Melani Melo Rocha²
Maria Cecília Puntel de Almeida²
Regina Aparecida Garcia de Lima²

RESUMO: As autoras fazem uma reflexão sobre os impasses da pesquisa em enfermagem e sua relação com a prática, fundamentada na “filosofia de praxis”.

Inicialmente, discutem a relação entre teoria e prática numa perspectiva filosófica. Fazem uma revisão sintética do conhecimento em enfermagem, neste século e finalizam apresentando a dialética das interações como uma possibilidade de avançar para além dos territórios onde se detém a dialética do trabalho. Para as autoras, áreas do conhecimento tão complexas como as relacionadas ao processo saúde/ doença/ cuidado não podem ser inteiramente recobertas pelas ciências formais ou somente pelas ciências biológicas e sociais; um projeto epistemológico consistente não pode desconsiderar uma terceira região da dialética da razão, a dialética das representações.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa em enfermagem, filosofia e enfermagem

ABSTRACT: The authors of the present article reflect on the difficulties of nursing research and its relation with its practice, which is based on the philosophy of praxis. Initially, there is a discussion on the relationship between theory and praxis from a philosophical perspective. The authors make a resumed review of nursing knowledge in the last century. Finally, they present the dialectic of interactions as a possibility of advancing beyond the territories of the dialectic of work. According to the authors, complex areas of knowledge related to health/illness/care cannot be exclusively studied by formal sciences or exclusively by biological and social sciences. They believe that a consistent epistemological project has to consider a third area that would include the dialectic of reasoning and the dialectic of representations.

KEYWORDS: research in nursing, philosophy and nursing

RESUMEN: Las autoras hacen una reflexión sobre las contradicciones de la investigación en enfermería y su relación con la práctica, fundamentada en la “filosofía de la praxis”. Primeramente se plantea la relación entre teoría y práctica dentro de una perspectiva filosófica. Proceden a una revisión sintética del conocimiento en enfermería en este siglo y finalizan presentando la dialéctica de las interacciones como una posibilidad de avance más allá de los territorios donde se detiene la dialéctica del trabajo. Para las autoras, áreas de conocimiento tan complejas como las que se relacionan con el proceso salud/ enfermedad/ cuidado no se pueden encubrir enteramente por las ciencias formales o solamente por las ciencias biológicas y sociales; un proyecto epistemológico consistente no puede desconsiderar una tercera región de la dialéctica de la razón, la dialéctica de las representaciones.

PALABRAS CLAVE: investigación en enfermería, filosofía y enfermería

Recebido em 12/12/2001
Aprovado em 06/02/2002

¹ Trabalho parcialmente financiado pelo CNPq e FAPESP.

² Professoras Doutoras do Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública da EERP-USP.

INTRODUÇÃO

Com a introdução da enfermagem na carreira universitária, algumas perguntas vêm sendo feitas de forma insistente, pelas suas lideranças, sem chegar a respostas definitivas. A enfermagem é uma ciência ou uma prática? Se é uma ciência, isto exclui ser uma prática? Se é uma ciência, qual o seu objeto? A enfermagem é um fenômeno a ser estudado? Se é um fenômeno, um objeto de investigação, qual a ciência, ou quais os métodos adequados para estudá-lo? Se é uma ciência, tem conseguido consolidar seus axiomas? Quais as dificuldades empíricas e conceituais em relação a sua consistência teórica? Como responder a estas perguntas? Os que se dedicam ao estudo da enfermagem têm se rendido a uma evidência: os seus conceitos e definições têm sido examinados, quase exclusivamente, no campo da consistência formal da construção científica, isto é, os resultados dos trabalhos de investigação prestam-se tão somente ao julgamento das condições de validade das inferências de seus enunciados. Não atingem uma transformação de alcance teórico, isto é, a construção de um referencial que explique fenômenos em um nível abstrato. Em outras palavras, a enfermagem não trouxe axiomas para a ciência. Qual é a restrição operatória das investigações em enfermagem: o objeto? o método? o referencial?

Para responder a estas perguntas temos um vasto caminho a percorrer e muitas dificuldades para consolidar axiomas que garantam, simultaneamente, a validade, a aplicabilidade e a especificidade de seu discurso científico. A nossa modesta contribuição neste ensaio será uma reflexão sobre as possibilidades de esclarecer os impasses da pesquisa em enfermagem e sua relação com a prática, numa perspectiva filosófica fundamentada em Vázquez (1977), Ayres (1994, 1997) e Habermas (1994).

“FILOSOFIA DA PRÁXIS”: RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Ao tomarmos a “filosofia da práxis” para a compreensão das ciências, em contextos historicamente circunscritos, estamos trilhando o caminho que Ayres (1994) percorreu para estudar as questões epistemológicas básicas da epidemiologia, sem a pretensão de trabalhar em profundidade como ele o fez. “Ao conceber-se como constituinte da práxis humana, a razão entende a si própria como ‘instrumento’ do trabalho social, e nessa condição se baseia a positividade de sua potente auto-crítica”....(AYRES, 1994, p.313).

A partir de uma dialética do trabalho, introduz-se na discussão o sentido histórico das verdades científicas e dos métodos a elas associados. Postula-se, não apenas o rigor lógico dos constructos no

âmbito de relações entre verdade, método e objeto. O conceito filosófico de práxis incorpora a consciência de pertença da ciência a sujeitos históricos, caracterizados por valores e práticas dialeticamente articulados às condições materiais de sua existência.

Entre as inúmeras contribuições de Kant à filosofia contemporânea, Ayres (1994) destaca a convicção que ele nos deixou de que não é possível pensar numa separação radical entre o conhecimento objetivo e a experiência estética de mundo. Dimensão estética para *Kant*, significa o conjunto de intuições em que se funda a experiência sensível não metabolizada pelo pensamento, não organizada em termos de entendimento. Toda objetivação racional será sempre a apreensão parcial e estática de experiências cuja totalidade escapa à sua limitada perspectiva, mas à qual estará necessariamente vinculada porque faz parte dela. A dimensão estética será sempre, portanto, essa espécie de ‘duplo’ da dimensão epistemológica das ciências, uma parte inexorável de sua realidade, porém intangível nos termos parciais em que os conceitos representam-nas.

Passemos agora a um exame mais detalhado do que é práxis. A palavra - práxis - foi empregada pelos gregos na Antigüidade, para designar a ação propriamente dita. Tanto práxis como prática tem sido usadas em nosso idioma, sendo que prática é mais corrente na linguagem comum e na literatura, enquanto práxis tem mais aceitação no vocabulário filosófico. Práxis, em grego antigo significa - ação que tem seu fim em si mesma e que não produz um objeto alheio ao agente ou a sua atividade. Neste sentido, a ação moral e qualquer tipo de ação que não engendre nada fora de si mesma, como diz Aristóteles, é práxis; por esta razão, a atividade do artesão que produz algo que chega a existir fora do agente e de seus atos não é práxis. Este tipo de ação que cria um objeto exterior ao sujeito e a seus atos se chama em grego - poiesis, que significa literalmente produção ou fabricação, ou seja, ato de produzir ou fabricar algo. Assim, em filosofia, o termo práxis designa atividade humana sem contudo designar atividade com caráter estritamente utilitário, como se infere do significado de “prático” na linguagem comum (VÁZQUEZ, 1977).

A categoria central da moderna filosofia materialista é a *práxis*, concebida como interpretação do mundo e guia para sua transformação. Isto porque, para a filosofia, a prática cotidiana não revela a essência do fenômeno, de modo transparente; pelo contrário, em qualquer esfera do conhecimento, trata mais é de ocultá-lo. Para poder unir conscientemente pensamento e ação é preciso destruir a atitude própria, a consciência comum e ascender a um ponto de vista objetivo, científico a respeito da atividade prática do homem. A atitude natural se baseia no fato de ver a atividade prática como um simples dado que não exige explicação. Com tal atitude, a consciência comum

acredita estar numa relação direta e imediata com o mundo dos atos e objetos práticos. Suas conexões com esse mundo e consigo mesma aparecem diante dela num plano a-teórico. Não sente a necessidade de rasgar a cortina de preconceitos, hábitos mentais e lugares-comuns no qual projeta seus atos práticos.

Entre os vários temas de estudo da práxis, a filosofia se dedica a compreender a unidade entre teoria e prática e defende que a oposição entre ambos tem um caráter relativo. Considera que a atividade teórica em seu conjunto - como ideologia e como ciência - só existe por e em relação com a prática, já que nela encontra seu fundamento, suas finalidades e seus critérios de verdade. Contudo, analisa com muito cuidado esta aparência de verdade. O pragmatismo identifica o verdadeiro com o útil; infere que o verdadeiro se reduz ao útil porque, em seu praticismo e em sua concepção de verdade, o conhecimento está vinculado às necessidades práticas, desta forma solapa a própria essência do conhecimento. Essa tese da utilidade pode confundir algumas pessoas. A verdade seria posta em relação com as crenças que nos são mais vantajosas. Portanto, o conhecimento verdadeiro ficaria subordinado aos interesses de cada um. O conhecimento é útil na medida em que é verdadeiro, e não inversamente, verdadeiro porque é útil, como afirma o pragmatismo. A utilidade é consequência da verdade. Para o pragmatismo, a verdade fica subordinada à utilidade, entendida esta como eficácia ou êxito da ação do homem.

Portanto, é preciso muito cuidado quando se afirma que o conhecimento verdadeiro é validado na prática. O critério de verdade para o pragmatismo é a eficácia da ação prática do homem entendida como prática individual. Para a filosofia da práxis, a prática é concebida como atividade transformadora social. A práxis é tanto objetivação do homem e domínio da natureza quanto realização da liberdade humana (KOSIK, 1976).

A filosofia não se limita a contrapor sua posição sobre teoria e prática ao pragmatismo. O problema das relações entre a teoria e a prática, e portanto de sua autonomia e dependência mútua pode ser formulado num plano histórico e social, como forma peculiar de comportamento do homem com referência à natureza e à sociedade, e em determinadas atividades práticas.

A prática é fundamento da teoria, porque determina o horizonte de desenvolvimento e progresso do conhecimento. A inteligência do homem foi crescendo na mesma proporção em que o homem ia aprendendo a transformar a natureza. O conhecimento científico progride no processo de transformação do mundo natural em virtude de que a relação prática que o homem estabelece com ele, mediante a produção material, coloca-lhe exigências que contribuem para ampliar tanto o horizonte dos

problemas como o das soluções. A relação entre a produção, a técnica exigida por esta e a ciência varia de uma formação econômica e social a outra e muda igualmente de acordo com o caráter e objeto da ciência de que se trate. Pode se dizer que, historicamente, a um baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas corresponde menores exigências à ciência, e por conseguinte, esta se desenvolverá mais débil e lentamente. Essas exigências adquirem amplitude e um caráter mais rigoroso na época moderna, quando se incrementa a produção material em estreita conexão com uma classe social - a burguesia - interessada em transformar a natureza. Nessas condições históricas e sociais, o progresso do conhecimento científico, que se traduz na constituição da ciência moderna, converte-se numa necessidade prática e social de primeira ordem. A vinculação entre a ciência e a produção, como forma específica da unidade entre a teoria e a prática é tão estreita que o enorme incremento das forças produtivas de nosso século seria inconcebível sem o progresso científico. A ciência não só serve à produção como uma força alheia, mas está em suas entranhas, nos seus instrumentos, em suas máquinas, como objetivação ou materialização do teórico no processo produtivo.

A teoria não corresponde, porém, apenas às exigências e necessidades de uma prática já existente. O homem pode sentir a necessidade de novas atividades práticas transformadoras para as quais carece do necessário instrumental teórico. A teoria é determinada, nesse caso, por uma antecipação ideal daquilo que, não existindo ainda, queremos que exista. A prática é, aqui, a finalidade que determina a teoria. Esse projeto ou antecipação ideal da prática só se efetivará com o concurso da teoria. Este fato demonstra que as relações entre teoria e prática não podem ser encaradas de maneira simplista e mecânica, isto é, como se toda teoria fosse uma explicação de fenômenos objetivos, externos ao homem, como afirma a ciência positiva. A unidade entre teoria e prática implica em uma oposição e autonomia relativas.

O homem é um ser que tem que estar inventando ou criando constantemente novas soluções. Uma vez encontrada uma solução, não lhe basta repetir ou imitar o que ficou resolvido; em primeiro lugar, porque ele mesmo cria novas necessidades que invalidam as soluções encontradas e, em segundo lugar, porque a própria vida, com suas novas exigências, se encarrega de invalidá-las. Mas, as soluções encontradas têm sempre certa esfera de validade, daí a possibilidade de generalizá-las e estendê-las, isto é, de repeti-las. A práxis, considerada em seu conjunto e em suas formas específicas - política, artística, produtiva - se caracteriza por esse ritmo alternado do criador e do imitativo, da inovação e reiteração.

Portanto, só podemos entender a relação entre pesquisa e prática historicamente, isto é, na relação com os determinantes sociais, com as condições já dadas pelo desenvolvimento da ciência e das forças produtivas. Por outro lado, não basta ao homem conhecer sua subjetividade e dominar a natureza; a práxis tem ainda a dimensão, em seu processo criativo, de realização da liberdade humana.

O CONHECIMENTO EM ENFERMAGEM

Entender a enfermagem como práxis redimensiona a natureza e o alcance dos problemas de sua axiomatização, isto é, não se trata de uma prática imediata, utilitária, cotidiana, subjugada por relações de dominação e subordinação (relações de poder) nem uma reflexão abstrata de problemas a serem resolvidos no plano universal, idealizado e maniqueista.

Não cabe nos propósitos do presente ensaio examinar a constituição social da práxis em enfermagem, no entanto, um giro histórico revisando o seu desenvolvimento neste século, suas principais influências epistemológicas e sua trajetória a partir de sua institucionalização na América do Norte, se faz necessário.

Devemos pontuar que este conhecimento foi produzido em diferentes momentos e em sociedades caracterizadas por desigualdades sociais gerando um processo saúde/doença/cuidado em que estão presentes desequilíbrios relacionados às condições de existência e, por outro lado, em diferentes sistemas de saúde nos quais a profissionalização do enfermeiro se deu de forma diversificada.

Inicialmente, enfermeiras educadoras norte-americanas procuraram pelo modelo das Ciências Biomédicas e Físicas para criar uma Ciência de Enfermagem. O estudo de caso foi introduzido para sistematizar o conhecimento no ensino de enfermagem, sendo logo reconhecido sua insuficiência, enquanto referencial teórico que desse suporte à profissão emergente. Neste momento, já se evidencia a necessidade da pesquisa em enfermagem.

A seguir, surge um corpo de conhecimentos denominados *técnicas de enfermagem* que consiste na normatização de procedimentos com base em noções tayloristas (ALMEIDA; ROCHA, 1986). O referencial metodológico das ciências naturais vai prover a fundamentação da investigação em enfermagem até os anos 60 quando este modelo, por possibilitar somente uma abordagem quantitativa, começa a se mostrar insuficiente e limitado; conduzindo para uma visão parcial do processo dinâmico das experiências vividas, num contexto histórico e cultural. O despertar deste reconhecimento se deu por influência das ciências humanas

(BOEMER; ROCHA, 1996).

Enfermeiras norte-americanas, mais uma vez, redirecionam o conhecimento, introduzindo teorias com a finalidade de construir um arcabouço próprio, tomando o cuidado, como categoria central da assistência de enfermagem.

A insuficiência do método científico tradicional levou muitos pesquisadores da área de enfermagem a buscar metodologias na vertente qualitativa. Esse momento da pesquisa remeteu os enfermeiros a questões de natureza epistemológica, surgindo, então, a necessidade de se clarear tópicos de ordem metodológica. Paralelamente, outros grupos se dirigem para identificar o que são fenômenos/diagnósticos de enfermagem e quais são as intervenções correspondentes.

São dois movimentos complementares: um, de classificação e categorização da prática, para possibilitar uma linguagem universal; o outro, através de metodologias compreensivas, busca o sentido e o significado do cuidar em enfermagem

Assim, a enfermagem, para se constituir em uma ciência deve, necessariamente, dar conta da validade normativa, isto é, dos aspectos lógico-formais e também responder às determinações sócio-históricas onde se realiza o cuidado. Até aqui a dialética do trabalho ou a filosofia da práxis possibilitou algumas respostas, contudo, já se vislumbraram novos limites

DIALÉTICA DAS INTERAÇÕES: O ELO DAS INTERSUBJETIVIDADES

Para responder às questões inicialmente colocadas, e seguindo o raciocínio de Ayres (1994), parecem promissoras construções filosóficas que não são incompatíveis com a filosofia da práxis mas permitem avançar para além dos territórios onde se detém a dialética do trabalho. Trata-se de "constructos plasmados numa dialética das interações" (HABERMAS, 1994).

A dialética do trabalho pede aqui a dialética das interações; sem esta, um tratamento prático da ciência tenderá a oscilar entre duas alternativas igualmente insatisfatórias: ou se torna a ciência como uma prática mecanicamente determinada por finalidades produtivas ou, inversamente como uma racionalidade que estabelece arbitrariamente tais finalidades (AYRES, 1994, p. 314).

Um denso constructo filosófico contemporâneo oferece subsídios fundamentais: **a teoria do agir comunicativo** de Habermas (1994). Para ele, há um processo simultâneo de conhecimento do mundo e auto-objetivação humana, através da razão. Os diversos discursos sobre a realidade são resultantes da interação entre os diferentes horizontes

interpretativos abertos pelas experiências concretas vividas pelos sujeitos humanos, e segundo os distintos poderes de que desfrutam na organização social da vida. As ciências estariam fundadas em certezas provisórias, lingüisticamente construídas. Habermas se contrapõe à crença numa verdade universal, absoluta, dos primeiros positivistas e relativa, dos neopositivistas. Ele acredita em uma concepção consensual de verdade. Para ele, a validade do conhecimento objetivo repousa na intersubjetividade que funda toda construção racional. A pretensão de verdade de um discurso está vinculada à sua valorização entre os diversos discursos em interação em três níveis: na sua capacidade de expressar certezas compartilháveis, isto é, na sua positividade proposicional; na possibilidade de instruir ações eficazes, isto é, na sua adequação normativa e no êxito em estabelecer efetiva intersubjetividade entre os diversos sujeitos envolvidos nessas ações, isto é, na sua autenticidade. A validade interna não responde sozinha pelo valor do conhecimento como tem sido colocado tradicionalmente. Todo discurso científico, para ser válido, tem exigências, pretensões e condições. A validade científica passa a abranger três aspectos: a validade normativa, que abrange aspectos de adequação de métodos e técnicas ao desenvolvimento do objeto ou da proposição; a validade proposicional, que verifica a relevância do objeto e da proposta para a ciência e para as necessidades reais do mundo da vida; a validade expressiva/autenticidade que confere significado às descobertas científicas pela possibilidade de comunicação através da argumentação no diálogo de muitas vozes (MINAYO, 1994).

Com base nessas proposições e seguindo os passos de Ayres (1994), é possível definir três níveis interligados de interrogação a respeito da construção/legitimação da verdade em enfermagem, eixos em torno dos quais se dão as interações intersubjetivas de sua prática científica:

- Em que plano semântico da experiência humana dos processos saúde/doença os conceitos elaborados pela enfermagem reivindicam seu estatuto de verdade? Em qual sistema de signos/significados os eventos com que trabalha a enfermagem têm fundada sua positividade? Que realidade, enfim, é visada pelas pretensões de validade proposicional da linguagem em enfermagem?

- Que tipo de eficácia visa seus enunciados, ou seja, que valores positivos de saúde e seus correlatos projetos normativos, explícitos ou não, subjazem à concepção do cuidado ou da assistência de enfermagem?

- Em que esfera de comunicação estão apoiados esses conceitos, isto é, entre que sujeitos sociais, e, a respeito de quais necessidades humanas os estudos em enfermagem realizam autêntica

interlocução?

Trata-se do significado dos constructos conceituais da enfermagem em termos do conteúdo de experiências intersubjetivas. Áreas do conhecimento tão complexas, como as relacionadas ao processo saúde/doença/cuidar, não podem ser inteiramente recobertas pelas ciências formais, como a lógica e a matemática ou somente pelas ciências biológicas ou sociais. Para Ayres (1994), um projeto epistemológico consistente não pode desconsiderar uma terceira região da dialética da razão, a dialética das representações. À hermenêutica caberia o papel de interpretar a intersubjetividade realizada historicamente pela ciência. A atitude hermenêutica obriga o intérprete a refletir sobre o próprio ato de interpretar, compreender como a humanidade vai atuando e instaurando historicamente seu mundo, não como uma experiência externa a si, mas decodificando a sua própria experiência a partir de necessidades e possibilidades trazidas pelo horizonte lingüístico do Outro, numa fusão de horizontes.

A hermenêutica crítica seria, não a única mas, uma dentre as possibilidades de olharmos os conhecimentos da enfermagem, em enfermagem e sobre enfermagem, numa articulação entre filosofia, ética, ciência e mundo da vida, em um espaço coletivo, em busca da emancipação e emponderamento dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1986.

AYRES, J.R.C.M. Interpretação histórica e transformação científica: a tarefa hermenêutica de uma teoria crítica da epidemiologia. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, n.28, v.4, 311-9, 1994.

AYRES, J.R.C.M. **Sobre o risco**. Para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOEMER, M.R. ; ROCHA, S.M.M. A pesquisa em enfermagem: notas de ordem histórica e metodológica. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.5, n.2, 77-88, 1996.

HABERMAS, J. Trabalho e interação. In: HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1994. p.11-43, p. 45-92.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MINAYO, M.C.S. Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia? **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.3, n.2, p.42-63, 1994.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Praxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.